



A LISTA DOS MAIS VENDIDOS

História de um Best-seller

**Uma Jornada em Busca
da Espiritualidade**





A LISTA DOS MAIS VENDIDOS

História de um Best-seller

**Uma Jornada em Busca
da Espiritualidade**

MAUDIE CHIARINI



BERKANA EDITORA



Sumário

1ª Parte - O Encontro	7
Capítulo 1	9
Capítulo 2	18
Capítulo 3	24
Capítulo 4	30
Capítulo 5	35
Capítulo 6	42
Capítulo 7	51
Capítulo 8	64
Capítulo 9	76
2ª Parte - O Processo	85
Capítulo 10	87
Capítulo 11	96
Capítulo 12	108
Capítulo 13	114
Capítulo 14	126
Capítulo 15	133
Capítulo 16	138
Anexo	149
Os 72 Anjos da Cabala	151
Tabela Anjos das Emoções	170
Tabela Anjos da Espiritualidade	174
Tabela Anjos da Saúde	179
Mestres e Anjos	184
Princípios Herméticos	189
Numerologia Pitagórica	193
Características dos números de 0 a 9.....	194
Valor Numérico das Letras	198
Mapa Numerológico.	199
As Runas	203
Os Orixás e o Sincretismo Religioso Brasileiro ...	210
Bibliografia	216



1ª Parte

0 Encontro



1

Quando o táxi parou em frente ao grande pavilhão, seu coração acelerou e toda a certeza que a levava até ali pareceu esvair-se. Uma pontinha de arrependimento ameaçou a decisão de viver sozinha aquele momento que ela considerava só seu, pois já havia arrastado a filha para uma aventura, que jamais imaginara poder acontecer com ela.

Olhando para as mãos trêmulas, percebeu que o papel úmido e amarfanhado que segurava entre elas era o convite para a grande tarde de autógrafos que aconteceria logo em seguida.

Ainda sentada, sem coragem para se levantar, ergueu o olhar e leu com um leve tremor, as palavras escritas numa grande faixa que se movia lentamente com o movimento da brisa que soprava suave, naquela tarde de inverno - *13ª Bienal do Livro de São Paulo - 1994*.

Aquele deveria ser um dia glorioso e de grande realização para Maura Cegliatti, que nem em seus sonhos mais loucos ousava imaginar-se participando de uma *Bienal do Livro* com dois lançamentos de sua própria editora, sendo que um deles já fazendo um sucesso estrondoso, tornando-se rapidamente um best-seller. Pensou em seu pai e no orgulho que ele sentiria se pudesse estar ali com ela.

que o principal objetivo de suas vidas era proporcionar-lhes acesso à cultura, para que pudessem ter uma vida mais fácil que a deles. Por isso, logo após o nascimento da primeira filha, haviam saído da pequena cidade onde moravam, para viver em outra maior, onde já havia escolas e a possibilidade de uma educação mais aprimorada, mesmo para os que não dispunham de grandes recursos.

Enzo e Dolores, os pais de Maura, eram filhos de imigrantes. Ela sabia que embora eles amassem sinceramente a terra em que nasceram, sentiram durante toda vida a melancolia daquela inexplicável saudade de lugares que só conheceram pelas histórias contadas pelos pais, mantendo através deles seus costumes e tradições.

Enzo era filho de imigrantes italianos que, enquanto viveram, continuaram a amar sua velha Itália, como se a tivessem deixado no dia anterior. Em sua quase inocência, sentiam-se orgulhosos e realizados por terem proporcionado ao filho, a oportunidade de aprender o ofício de alfaiate – em meio período nos tempos de aula e período integral durante as férias – sem perceber que o único sonho a que se permitiam, ganhar muito dinheiro para um dia poder voltar à Itália, não era o mesmo do filho. Esqueciam-se de que a terra natal de Enzo não era a mesma deles, mas sim, o Brasil.

Criado com princípios rígidos, sem direito de externar suas opiniões e desejos, muito cedo Enzo deixou para trás as brincadeiras da infância, juntamente com seu maior sonho, continuar os estudos e chegar até a Universidade.

Por isso, quando criava sua própria família, estudo para ele era prioridade um. Nunca permitiu que nenhum dos seus cinco filhos trabalhasse antes de se formar, pois não concordava com a idéia, comum naquela época, de que para não ser preguiçoso na idade adulta era preciso começar a trabalhar desde criança.

Maura não conheceu o “nonno” Luigi que morreu quando Enzo tinha apenas vinte anos, mas pelas histórias da “nonna” Elisa, que até a hora de sua morte, aos 96 anos, era apaixonada por ele, sabia que era um homem muito alto e bonito e que sempre cumprira seu papel de chefe de família.

Todas as vezes em que a “nonna” falava sobre o marido, que já havia morrido há tantos anos, seus olhos ficavam marejados e isso emocionava a neta. Provavelmente, ela já nem se lembrava de uma viagem que o amado havia feito para a Itália acompanhando uma bela mulher, nem de outras escapadas, em que ela pedia a cumplicidade de Enzo para vigiá-lo, por considerar esse filho o mais discreto de todos. Ela nunca teve certeza absoluta de nada, mas seu coração apaixonado sabia.

Luigi era barbeiro, tocava clarinete e, mesmo com os poucos recursos que havia naquele tempo, era apaixonado por fotografia. Ele mesmo fotografava com sua máquina de tripé, revelava e retocava. Era um artista, grande apreciador de Óperas. Fazia questão que os filhos desenvolvessem o gosto pela arte, principalmente a música e tocassem algum instrumento. A Enzo coube a flauta, que ele ganhara do pai numa viagem que os dois fizeram a São Paulo, especialmente para comprá-la.

Cada vez que ele contava essa história para Maura, parecia reviver com a mesma intensidade a emoção que sentira ao entrar com o pai para escolher a flauta, na Casa Mannon, a principal loja de instrumentos que havia naquela época na Rua Direita, em São Paulo. Era fácil para ela perceber que aquele devia ter sido o melhor momento vivido em sua adolescência, o dia mais feliz de sua vida e de maior proximidade com o pai. Ela entendia porque seu pai amava tanto aquela flauta, e sentia que ele herdara da “nonna” Elisa a mesma capacidade de amar.

Pouco antes de sua morte, entregou a flauta à neta Roberta, filha mais nova de Maura, com a recomendação de que cuidasse dela com muito carinho, pois aquele instrumento fora a coisa mais preciosa que ele possuía em sua vida.

Enzo estudou música com grande prazer. Fazia muita serenata e tocava no cinema da cidadezinha onde moravam. Mais tarde, já casado e com filhos, chegou a tocar na orquestra sinfônica da cidade. Quando havia concerto, a família inteira sempre estava lá para aplaudi-lo.

Quando Maura era pequena e pedia que tocasse, ele a atendia prontamente e ria quando ela pedia que repetisse muitas vezes a mesma música, principalmente o Tico-tico no Fubá, sua preferida, que ao som da flauta era alegre e palpitante como ela.

O pai sempre fazia tudo o que ela queria e, mesmo que tentasse, não conseguia esconder ser ela a sua predileta. Era a sua Maura, a sua “U” como somente ele a chamava carinhosamente, sua filhinha

tão miudinha e graciosa que lhe dava tantas alegrias. Orgulhava-se muito da inteligência da filha que era ótima estudante, adorava ler e sempre se destacava nos eventos culturais.

Enzo não era um homem alto, mas seu peito largo e forte a aninhava de tal forma, que aconchegada a ele, Maura pensava que nada de mau poderia atingi-la. Até agora, já beirando a terceira idade, quando sonhava que estava recostada no pai, ela acordava com uma sensação muito boa de que ele estava sempre com ela, protegendo-a.

A mãe de Maura era filha de imigrantes espanhóis. Carinhosa e dedicada, vivia inteiramente para o marido e os filhos. Muito inteligente, era autodidata, pois para seus pais, depois da 2ª série primária, como já sabia ler e escrever, poderia sair da escola. Apesar da escolaridade de apenas dois anos ela conseguia, sem qualquer esforço, acompanhar os estudos dos filhos até a Universidade.

Dona de rara beleza, esguia e elegante, tinha cabelos castanhos muito claros, quase loiros, os olhos muito brilhantes, de um lindo tom de verde bem escuro, realçado pela tonalidade rosada da pele clara, delicada e suave, que nunca tivera sequer uma imperfeição ou a sombra de uma mancha.

Quando Maura cursava o primário e por algum motivo a mãe ia até a escola, ela sentia um imenso orgulho de ser filha daquela mulher tão linda e elegante.

Mística por natureza, com grande fé em Deus, Dolores fez questão de que todos os filhos fossem batizados e fizessem a primeira comunhão, mas não se preocupou em lhes dar uma formação religiosa

rígida, priorizando valores e princípios. Intitulava-se “*simplesmente cristã*” e somente mais tarde Maura entendeu que essa atitude da mãe despertou nela o espírito crístico, da bondade, da solidariedade, da tolerância. Assim, ela cresceu com a cabeça livre de dogmas e normas religiosas, que poderiam ter tolhido o seu desejo de saber.

— Por que eu sou eu e você é você? — foi uma das primeiras perguntas que Maura fez à mãe quando começou a fase dos porquês. Dolores encantava-se com a precocidade da filha para os assuntos espirituais e admirava sua avidez pela leitura e o grande interesse em aprender e descobrir a origem de tudo que a cercava.

Anos mais tarde, Dolores, com os filhos já crescidos, começou a ter mais tempo livre para leituras, cursos e palestras, que a ajudassem em sua busca pelo desenvolvimento espiritual. Porém os interesses de Maura, agora já adolescente, tinham mudado de foco e ela devorava romances de todos os tipos, revistas de qualquer procedência e, às vezes, até livros nem sempre recomendáveis para uma mocinha daquela época.

Quando Maura recusava-se a acompanhá-la nessas jornadas, a mãe, compreensiva dizia — não faz mal, este não é o seu momento, pois “*quando o discípulo está pronto, o mestre aparece*” — e ia sozinha para suas reuniões e sessões de cura por imposição das mãos, grande novidade naquele tempo e que hoje chamamos de cura prânica.

A procura das explicações, que para Maura começara muito cedo, esfriou na adolescência, quando as leituras variadas, as festinhas nos fins

de semana e os namoricos inocentes preenchiam todas as horas livres de sua vida.

A busca da espiritualidade estava adiada. Adiada na adolescência, depois pelo casamento aos 21 anos e mais ainda com a chegada das filhas, Celeste e Roberta.

Dos tempos em que era a garotinha queridinha do papai, a formatura, o início da carreira no magistério, até o casamento e filhas, tudo passara tão depressa que não tivera oportunidade nem para entrar na Faculdade de Direito, que ela considerava ser a sua vocação.

Todas essas recordações que passaram pela cabeça de Maura enquanto caminhava pelos corredores da bienal sem se dar conta do tempo, das pessoas, nem dos estandes pelos quais passava, fizeram muito bem a ela deixando-a mais tranqüila, e feliz por não ter desistido de seu intento.

Como guiada por um instinto que ela não sabia possuir, sentiu o coração acelerar, quando, voltando à realidade, percebeu que estava bem próxima do estande, onde os dois livros publicados em sociedade com sua filha Roberta e Marisa Bertini teriam seu momento de glória.

Agora, de onde estava, viu que era grande o movimento no estande da Livraria onde aconteceria o tão sonhado evento. Parou ofegante, as pernas trêmulas pelo esforço da longa caminhada. Já podia distinguir lá dentro, muitas fisionomias conhecidas.

Quando viu Marisa, apesar de todas as mágoas, emocionou-se. Seus olhos encheram-se de lágrimas e ela parou decidida a não se aproximar mais. Naquele momento, seguindo seu tempe-

ramento discreto, mudou o plano inicial de mesmo não sendo bem-vinda, participar da festa.

Abrigou-se num pequeno estande em frente, de onde podia observar perfeitamente, aquela menina por quem sentia imenso carinho, praticar um ato vil e covarde apossando-se de algo que não era só seu e deveria ser partilhado com ela e Roberta.

Envolta pela emoção, parecia ainda ouvir a voz de Marisa ecoando em seu ouvido – *não saí da sua barriga, mas sou sua filha espiritual* – como costumava falar, muitas vezes, enquanto a abraçava. Celeste e Roberta, apesar da plena confiança que tinham no seu amor, chegavam a ficar enciumadas, tal era a afinidade que havia entre as duas.

De repente, sentiu um arrepio percorrer seu corpo, quando distinguiu a fisionomia do marido de Marisa, que ao lado dela, queria se fazer passar pelo arquiteto daquela noite memorável, pavoneando-se sem o mínimo pudor. Pensando na grande injustiça que tudo aquilo representava, Maura rezava baixinho:

– Meu amado Anjo Hariel, não permita que meu coração fique cheio de ódio, que poderá envenenar a minha vida. Ajude-me a superar com coragem esse sentimento; se não para perdoar, ao menos, para esquecer.

Enquanto murmurava essa prece, seu pensamento novamente voava, desta vez, para um passado não muito distante, quando se iniciaram os fatos que ela, muito ingenuamente, acreditou estarem terminando ali, naquele tarde de inverno, que lhe pareceu a mais fria e triste de sua vida.